

Kiko Horta
explora o lado
carioca da
sanfona



PÁGINA 3

Cia de Arte
Popular
celebra 27 anos
em espetáculo



PÁGINA 6

Rancho
Português,
excelência
lusitana



PÁGINA 7



Bossa Nova também se escreve

Roberto Menescal e
Cris Delanno revisitam
tesouros esquecidos do
gênero em novo álbum

Por **AFFONSO NUNES**

Roberto Menescal e sua pupila de longa data Cris Delanno estão de volta com “O Lado B da Bossa Nova”, álbum que resgata canções menos celebradas do movimento que revolucionou a música brasileira nos anos 1950 e 1960. Novo capítulo da colaboração entre o violonista e a cantora, o trabalho traz arranjos inéditos para essas 11 composições que, de certa forma, ficaram à sombra dos grandes sucessos que definiram a Bossa Nova no Brasil e no mundo. O show de lançamento do disco será neste sábado (25), com sessões às 20h e 22h30, no Blue Note Rio. Nesta data, menescal completa 88 anos.

Continua na
página seguinte



Roberto Menescal já produziu vários dos discos de Cris Delanno



Marcos Hermes/Divulgação

com (lado) B

'São músicas que a gente adora'

A ideia para o álbum partiu de Cris Delanno, mas o repertório foi construído em conjunto, em encontros marcados pelo afeto e pela cumplicidade artística que une os dois músicos há quase quatro décadas. "São músicas que a gente adora. Com a cara da gente. Saudade do que a gente fez, mas também saudade do futuro", conta Menescal.

Enquanto canções como "Garota de Ipanema", "Desafinado" e "Chega de Saudade" consolidaram-se como hinos do gênero, outras composições igualmente sofisticadas permaneceram em segundo plano, conhecidas principalmente por especialistas e aficionados. É justamente esse repertório que Menescal e Cris revisitam, com arranjos que respeitam o rigor e a elegância característicos da Bossa Nova, mas que estão longe de parecerem datados. Além de Cris e Menescal, participam do trabalho os músicos Adriano Baptista Souza (piano), Adriano Giffoni (baixo) e João Cortez (bateria).

Entre essas pérolas esquecidas estão "Esse Seu Olhar/Promessas", de Tom Jobim e Newton Mendonça, "Deixa", de Baden Powell e Vinicius de Moraes, "O Negócio É Amar", de Carlos Lyra e Dolores Duran, "Chora Tua Tristeza", de Oscar Castro-Neves, e "Mentiras", de João Donato. "São músicas que, apesar de menos conhecidas, trazem uma história conosco. A gente trabalhou muito os arranjos pra mudar a cara delas", diz Menescal, uma das figuras mais influentes da MPB.

Violonista, compositor, arranjador e produtor, Menescal foi um dos arquitetos do sonoridade da Bossa Nova ao lado de Tom Jobim, João Gilberto e Carlos Lyra. Seu violão, de batidas suaves e harmonias sofisticadas - assumidamente inspiradas no guitarrista estadunidense Barney Kessel -, ajudou a definir a estética intimista do movimento. Entre 1963 e 1969, Menescal lançou três álbuns seminais - "A Bossa Nova" (1963), "The Boy from Ipanema Beach" (1965) e o "O Conjunto De Roberto Menescal" (1969) - cujo refinamento se tornaria marca registrada da Bossa Nova.



Cris Delanno e Roberto Menescal selecionaram juntos as canções que forma o repertório do álbum 'O lado B da Bossa'

A partir de 1964, Menescal tornou-se um dos principais produtores musicais do país e um dos grandes reveladores de talentos femininos da música brasileira, tendo lançado e produzido carreiras de cantoras que se tornariam fundamentais no cenário nacional. Foi ele quem apresentou ao público nomes como Wanda Sá, Sylvia Telles, Nara Leão e Leila Pinheiro, entre outras vo-

zes que ajudaram a consolidar a Bossa Nova e seus desdobramentos. Habitado a fazer discos em dobradinha com cantoras, Menescal desenvolveu uma sensibilidade especial para trabalhar com vozes femininas. No fim dos anos 1980, fundou seu próprio selo, a Albatroz Discos, onde desde então produz álbuns para o mercado brasileiro e internacional, sobretudo o Japão onde é idolatrado.



Marcos Hermes/Divulgação

"Eu aos 18 anos, era um cara começando a tocar violão, empolgado com tudo que aparecia, com a mudança do samba-canção pra Bossa Nova. Hoje, sei que tenho essa missão de continuar nos palcos da vida e de mostrar cada vez mais a nossa Bossa para o mundo", reflete.

Cris Delanno é uma das intérpretes que melhor representa essa tradição de cantoras moldadas pela sensibilidade de Menescal. Com 35 anos de carreira, ela construiu uma trajetória marcada pela fidelidade ao repertório de qualidade e pela busca de uma interpretação que privilegia a sutileza e a emoção contida, características que a aproximam da tradição bossanovista. A parceria entre os dois se estende por quase quatro décadas de amizade e colaboração artística. "Ele produziu e arranjou vários álbuns meus. Neste show, faremos as músicas do álbum e incluiremos algumas das canções que foram marcantes na nossa história como, por exemplo, Saudade fez um samba, Corazón partío e Samba de uma nota só", conta Cris.

Este é o segundo álbum que lançam juntos, consolidando uma parceria que atravessa décadas e se alimenta da fina sintonia entre o canto de Cris e o violão de Menescal, cúmplices na devoção à Bossa Nova. A cantora divide com Menescal a produção musical do disco, numa colaboração que reflete a maturidade e a igualdade artística entre ambos. "Eu o convidei porque o queria mais perto de mim nesse trabalho que é a nossa cara", aponta Cris.

SERVIÇO

O LADO B DA BOSSA - ROBERTO MENESCAL E CRIS DELANNO

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)

25/10, às 20h e 22h30

Ingressos:

E a sanfona cariocou

Depois de décadas atuando nos bastidores da MPB, Kiko Horta lança álbum que mapeia a trajetória do instrumento

Por Affonso Nunes

Aos 12 anos de atividade como professor na Casa do Choro e na Escola Portátil de Música, com passagens por estúdios ao lado de nomes como Martinho da Vila, Chico Buarque, Gilberto Gil e Teresa Cristina, o músico José Mauricio Horta, ou melhor Kiko Horta, finalmente apresenta seu primeiro álbum solo. “Sanfona Carioca”, lançado pelo Selo Mestre Sala, sintetiza as múltiplas experiências que moldaram a trajetória do músico.

Popular em regiões como o Nordeste e Sul, a sanfona tem seu lugar na música produzida no Rio desde os tempos áureos da Rádio Nacional até as gafieiras e boates de Copaca-



Celso Filho/Divulgação

bana dos anos 1970 em diante.

Nessa jornada sonora, Kiko reprocessa influências de mestres do instrumento como Luiz Gonzaga, Orlando Silveira, Dominginhos, Sivuca, Chiquinho do Acordeom, Hermeto Pascoal e João Donato, temperando tudo com seu sotaque carioca e a naturali-

dade de seus improvisos.

“A formação musical do Kiko é muito variada, e isso aparece no disco”, explica Luís Filipe de Lima, violonista de sete cordas que assina a coprodução do álbum ao lado do próprio Kiko. “Tem samba, bossa-nova, jongo, gafieira, choro, forró, jazz, tudo banhado

nas águas cariocas.” A escolha do repertório reflete essa diversidade. Além das autorais “Recomeço” e “Forró Transcendental”, o disco traz composições de Altamiro Carrilho (“Deixa o breque pra mim”), K-Ximbinho (“Catita”), Astor Silva (“Chorinho de gafieira”), Zé Menezes (“Comigo é assim”), Dominginhos (“Chorinho pro Miudinho”), Sivuca (“Dino pintando o Sete cordas” e “Um tom para Jobim”, esta em parceria com Oswaldinho), e Arlindo Cruz com Mauro Diniz (“Meu lugar”).

A formação que acompanha Kiko Horta no trabalho faz a carioquice do som brotar ainda mais com Marcus Suzano (vituose do pandeiro), Luiz Barcelos (bandolim), Ivan Machado (baixo) e o já citado Lís Felipe.

Oriundo de família profundamente envolvida com a cultura brasileira, Kiko subia o Morro de Santa Marta para ouvir e conviver com sanfoneiros nordestinos, frequentava rodas de jongo no Morro da Serrinha, em Madureira, e participava de rodas de samba e choro pela cidade. Essas experiências moldaram um músico plural, que transita com desenvoltura entre a música popular e a academia – concluiu mestrado em música na UniRio e prepara para 2026 o lançamento da cartilha “ABC das Levadas na Sanfona”, dedicada aos padrões de acompanhamento no forró, choro e samba.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Saber recomeçar

Adi Oasis lança “Separate Ways”, single sobre amor-próprio e recomeços. “É a primeira vez que lanço uma música de separação. Deixar ir faz parte do crescimento”, afirma a artista franco-caribenha. A faixa reflete sua nova fase como mãe. “Estou criando uma filha e quero que ela aprenda a amar profundamente, mas também a se escolher em primeiro lugar”. Com sonoridade neo-soul e groove marcante, a canção combina ternura e empoderamento. Adi assina baixo, vocais e produção do trabalho.

Divulgação

Elisa Maciel/Divulgação



Jovem embaixador

Carioca radicado na Espanha, Leo Middea lança “Verano”, nova faixa do álbum “Notícias de Puglia”, previsto para 2026. A canção mescla influências brasileiras e ibéricas, refletindo a trajetória do cantor e compositor. Com participação do violinista Pau Figueres, a música traz refrão bilingue e produção de Breno Viricimo. Leo, que realizou mais de 300 shows em 16 países ao longo da carreira, tornando-se assim uma espécie de embaixador da música brasileira na Europa. O músico também já foi ato de abertura para artistas como Marisa Monte, Marina Sena e a francesa Sheila.



Divulgação



Ceder aos impulsos

A banda estadunidense Story of the Year anuncia “A.R.S.O.N.”, oitavo álbum previsto para 2026 e, para mostrar o que vem por aí disponibiliza o single “Gasoline (All Rage Still Only Numb)”. “Gasoline” é sobre chegar ao limite e dizer ‘foda-se tudo’. É sobre ser selvagem e ceder ao impulso de queimar tudo para recomeçar”, afirma o guitarrista Ryan Phillips. Com produção de Colin Brittain, baterista do Linkin Park, o disco explora ansiedade e sobrevivência emocional. O grupo se apresentou recentemente na I Wanna Be Tour no Brasil.

ENTREVISTA / JOACHIM LAFOSSE, CINEASTA

'Intimidade é um direito político'

Jorge Fuembuena / SSIF

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

É da natureza do cineasta belga Joachim Lafosse cutucar os vespeiros do afeto, e, sobretudo, os marimbondos da moral, devassando a prática da pedofilia em “Um Silêncio” (2023) e o fim do desejo sob vetores do desemprego em “A Economia do Amor” (2016). Seu alvo mais recente é o sagrado exercício da maternidade, abordado com senões, mas com muito respeito em “Seis Dias Naquela Primavera” (“Six Jours Ce Printemps-Là”), que a Mostra de São Paulo exibirá nos dias 28 (no Circuito SPCine Paulo Emilio, às 15h) e 29 (no Multiplex Marabá, às 20h55). Melhor filme (disparadamente) do 73º Festival de San Sebastián, de onde saiu com prêmios de Melhor Direção e Melhor Roteiro, este estudo sobre maternidade condena suas plateias a jamais esquecerem a trilha sonora do pianista holandês Reyn Ouwehand. Sob o embalço dela, Lafosse nos apresenta uma personagem inesquecível, Sana (Eye Haïdara), jovem mãe solteira que leva seus gêmeos à vila, hoje vazia, de seus ex-sogros, na Riviera. O que começa como uma inocente pausa de primavera se transforma numa temporada de transformação.

Nesta conversa com o Correio da Manhã, o realizador de 50 anos faz uma análise geopolítica do sentimento de quem gera vidas, do lugar de escuta de quem foi um filho amado e do lugar de fala de quem trata o audiovisual como um mediador de angústias.

“ Não me sinto confortável com a expressão “dirigir atores”, pois ela sugere um tipo de condução que reduz um processo complexo’

Joachim Lafosse

Qual é a mirada sobre a maternidade de que guia “Seis Dias Naquela Primavera” e o que Eye Haïdara te entregou de mais poderoso no papel de Sana, a

mãe coragem do teu filme?

Joachim Lafosse - Uma câmera pode olhar para qualquer coisa que se queira, mas ela só tem o direito de filmar o que

vê se houver uma relação de respeito prévio. Intimidade é um direito político. Mas, firmou-se essa dinâmica respeitosa de demarcação de espaços e limites com Eye Haïdara, uma atriz incrível. Seu talento, que eu conferi na escalação do elenco, mudou toda a concepção que eu tinha dessa história que se recusa à banalidade ao falar de mãe. Minha mãe ocupou um lugar enorme na minha subjetividade. Mas a partir do momento que abracei o cinema como ofício, filmar passou a ser encontrar o MEU lugar... um lugar que eu ocupe por inteiro. Nele, resolvi contar a história de uma mulher que, na maternidade, não é um modelo, mesmo amando demais.

O que tira Sana de um lugar exemplar, de mãe modelo?

Esse lugar não existe, pois, indivíduo algum é exemplo de nada, visto que cada um de nós tem complexidades. Sana mente. Não cabe a mim julgá-la. Há motivos... dela... para isso... há vetores afetivos..., mas há uma mentira. Meu papel neste filme é deixar a plateia livre para lidar com isso como queira e fazer a sua própria sociologia. Não entro nela pela questão racial. O conflito se faz notar no momento em que os próprios filhos, pequenos, sugerem a ela que ligue para o pai deles ou para seus avós e... nada. Ela não se abre, ela não se entrega plenamente. Ela ama aquelas crianças. Essa é a relação de que não duvidamos. Esse amor, contudo, não exclui a tristeza nem isenta quem ama das suas responsabilidades.

Ao lado de Eye, você tem Emmanuelle Devos, que já esteve com você em “Um Silêncio”. Como se dá essa parceria?

Não me sinto confortável com a expressão “dirigir atores”, pois ela sugere um tipo de condução que reduz um processo complexo. Eu trabalho com meu elenco a partir de ensaios e proponho que ofereçam algo de diferente do que de habitual fazem.

Em San Sebastián a trilha sonora de “Seis Dias Naquela Primavera” teve um acolhimento unânime. Como se deu a composição com Reyn Ouwehand?

Não se faz cinema sem música. A trilha desse filme espelha emoções, sem excessos.

Sempre teremos São Paulo

Metrópole associada ao progresso industrial é um espaço histórico para o



sucesso comercial de filmes de amor como 'A História do Som',

candidato a fenômeno popular da Mostra

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Vai ter gente saindo pelo ladrão da Cinemateca Brasileira na tarde desta segunda-feira para conferir os beijos trocados pelos personagens de Josh O'Connor e Paul Mescal em "A História do Som" ("The History of Sound"), que será exibido às 17h30



Divulgação

Paul Mescal e John O'Connor encarnam uma paixão cheia de interditos em 'A História do Som', longa de Oliver Hermanus

pela Mostra de São Paulo. Há mais uma projeção agendada para quinta-feira (23), às 16h30, no Multiplex Playarte Marabá, e ela vai lotar. Há uma expectativa tamanho GG pelo novo filme do sul-africano Oliver Hermanus, que arrancou uma interpretação devastadora de Bill Nighy em "Viver" (2022). O apelo não se dá só pelo prestígio do diretor. É uma tradição dos paulistanos abraçar as narrativas de amor sofrido – mais até do que as telas do Rio. Por lá, longas como "Um

Homem, Uma Mulher, Uma Noite" (1979); "Em Algum Lugar Do Passado" (1980); e "P.S.: Eu Te Amo" (2008) ficaram meses a fio em cartaz. Espera-se que o doído romance de Hermanus tenha destino similar e amplie o público pagante da maratona paulista.

Indicado à Palma de Ouro de Cannes, "A História do Som" se filia a uma tradição inglesa da love story empacada por impasses da moral e da História (leia-se "guerras"), numa genealogia que vai de David Lean ("Desen-

canto") a James Ivory ("Vestígios do Dia"). Ao longo de suas 2h07', acompanhamos os rumos truncados de dois estudiosos de música obcecados por uma canção folclórica, num jogral pelo Tempo que vai de 1920 até 1980. Chris Cooper, ator luminoso, dá uma ajuda e tanto no eixo final, ao dividir um personagem com um Paul Mescal inspirado.

Baseado em conto homônimo de Ben Shattuck, que assina o roteiro, "A História do Som" é o inventário das cicatrizes de uma paixão abatida pelo preconceito e pela incapacidade de aceitação de seus pares. As teclas de um piano são o ímã com que David (Josh O'Connor) magnetiza Lionel (Mescal) ao esbarrar com ele, em 1917, no Conservatório de Música de Boston, ao fim da I Guerra Mundial. A paixão é instantânea, cevada pelo ardor de ambos pela triagem do cancionário popular e por um tesão imparável. Um é filho do Velho Mundo. O outro é americano e da zona rural. As origens distintas geram choque. A pobreza, também. Essas contradições levam os dois a um distanciamento (de corpos, nunca de almas) e a narrativa (austera do início ao fim) guia-se por Lionel.

Ele é a linha mais harmônica, de hábitos ordeiros, diferente da verve indômita de David. Vemos o seu caminha até à velhice, quando Mescal dá lugar a Cooper. Até lá perfuma-se a memória com cheiros de "O Segredo de Brokeback Mountain" (Leão de Ouro de 2005).

AS BOAS NA PAULICÉIA - SEGUNDA (20/10)

POR **RODRIGO FONSECA**

AQUELE VERÃO EM PARIS ("Le Rendez-Vous De L'été"), de Valentine Cadic (França): Maior festival de cinema da Argentina, o Bafici conferiu seu prêmio de Melhor Filme deste ano a este painel geracional de CEP francês. Seu roteiro nos transpostos até a Paris dos Jogos Olímpicos de 2024. Na Cidade Luz, Blandine (vivida por Blandine Madec, xará da personagem) chega da Normandia para assistir às competições de natação. Desorientada pelo caos parisiense, onde nada parece sair do jeito que ela espera, Blandine inesperadamente se reaproxima de sua meia-irmã, de quem estava afastada, e de sua sobrinha. Onde: Cine Segall, 16h.



Aquele Verão em Paris

BLUE MOON, de Richard Linklater (EUA): Eis a mais recente parceria entre Ethan Hawke e o diretor de "Boyhood" (2014), seu parceiro na trilogia iniciada em "Antes do Amanhecer" (1995-2013), com Julie Delpy. Numa nova sinergia, o cineasta e o astro revisitam a saga do letrista Lorenz Hart (1895-1943), que enfrenta corajosamente o futuro à medida que sua vida (profissional e privada) desanda em goladas contínuas em destilados de alto teor alcoólico. Tudo se passa no bar Sardi's, durante a festa de abertura do novo espetáculo (o fenômeno "Oklahoma!") de seu ex-parceiro Richard Rodgers (1902-1979), interpretado por Andrew Scott (de "Ripley"), que foi premiado na Berlinale por sua atuação nesta caudalosa produção. Na noite de 31 de março de 1943, narrada no roteiro, Lorenz (Hawke, notável) vai escancarar todos os seus demônios. Onde: Reserva Cultural 2, 18h30.



Blue Moon

ERA UMA VEZ EM GAZA ("Once Upon a Time In Gaza"), de Tarzan & Arab Nasser (Palestina/ França): A mostra Un Certain Regard de Cannes se rendeu a essa tensa narrativa ambientada em Gaza, em 2007, e deu a ela a láurea de Melhor Realização. Yahya, um jovem estudante, faz amizade com Osama, um carismático e generoso dono de restaurante. Juntos, eles passam a vender drogas em meio as entregas de sanduíches de falafel, mas logo se veem obrigados a lidar com um policial corrupto e seu ego inflado. Onde: CineSala, 21h.



Era Uma Vez em Gaza

LINHAS DE FUGA

ALDO TAVARES

Bergson

No domingo passado, debrucei meus olhos sobre páginas da larga janela “A evolução criadora”, de Henri Bergson, para admirar o que é movimento vital. Em 1907, publicou-se na França essa belíssima obra e, após 57 anos, em 1964, as [traduzidas] palavras do filósofo francês foram aportadas em nossas livrarias – até hoje, muito... muito... pouco lidas.

Imagem criada com a IA Seedream



Bergson permanece desconhecido, quem sabe, por ser abstrato, mas não creio, porque, em “Ciência da lógica: 1. a doutrina do ser”, embora Hegel seja muito abstrato, propaga-se pelos corredores de História e de Sociologia que a dialética é oposição e síntese, ou seja, o movimento pensado por Hegel é verdadeiro, e o de Bergson permanece ignorado ou, se ainda muito pouco lido, fixa-se como muito mal compreendido ou nem entendido.

Diferente de Bergson, Hegel não pensa o movimento vital ou no vegetal, ou na ameba, ou no animal, afirmando o movimento como oposição entre ser e não-ser, enquanto Bergson pensa o movimento entre ser-e-não-ser, o que ele chama de duração, estando, portanto, entre dois signos contrários ou no meio deles, não havendo, pois, dualismo entre ser e não-ser. Bergson leu Platão para além de Hegel.

Em virtude desse pensamento bergsoniano, não há oposição entre ser e não-ser, muito menos síntese, dado que não há oposição entre ser e não-ser, quer dizer, se o não-ser é o ser, tal fluxo, o qual só pode ser contínuo, é movimento que acontece entre ser-e-não-ser. Entre signos desiguais, Bergson pensa o movimento vital. Esse [inter]valo, o entre, não diz respeito a Hegel, e sim, como oposição, as extremidades ser e não-ser.

O entre escapa à filosofia de Hegel, porque, embora “o não-ser” seja “o ser”, não há “o ser” e não há “o não-ser”, o que significa não poder identificar por haver apenas passagem, o instável, o que não pode ser nomeado, e Hegel ainda está preso à identidade, à medida.

Em 2020, o mundo experimentou a potência de phýsis, isto é, a potência do movimento vital, mas não a velocidade absoluta, e sim em um grau do tipo viral. Essa velocidade desorganizou as cidades do mundo, pois, sem poder saber “o-que-é”, sem poder nomeá-lo [em razão de sua velocidade], não podia identificá-lo, porque o vírus, sendo o mesmo, sempre era outro, sem deixar de ser ele mesmo: o-não-ser-é-o-ser.

Por causa do grau de velocidade, a ciência identificou a natureza viral e encontrou o caminho para a vacina. O movimento hegeliano é falso movimento. Não há oposição... nem síntese.



Os atores da Cia. de Arte Popular, que forma talentos cênicos da Baixada Fluminense há quase três décadas, se apresentam no Teatro Léa Garcia

Palco que não envelhece

Referência teatral na Baixada Fluminense, Cia. de Arte Popular celebra 27 anos de resistência com novo espetáculo

Quando a cortina sobe, não é apenas um espetáculo que começa. É a celebração de uma história construída ao longo de quase três décadas. A Cia. de Arte Popular, um dos coletivos teatrais mais longevos do estado, chega ao Teatro Léa Garcia com “De Repente 27”, montagem que revisita sua trajetória e reafirma o teatro como território de resistência. Após temporada pela Baixada Fluminense e interior, o grupo desembarca no Centro sob direção de Vinícius Baião, drama-

turgo premiado com o Shell.

Eve Penha, atriz com mais de 50 anos de carreira e atualmente no elenco de “Dona de Mim”, resume sua relação com o palco. “Desde menina sonhei em ser atriz, e Deus colocou diante de mim um professor que já trilhava esse caminho. Desde então, nunca parei. O palco é minha morada”. Aos 70 anos, ela mantém a mesma entrega de sempre. “O que me move é a continuidade. A arte não tem idade. Tem entrega”, afirma.

Francisco Farnum, que retorna à quinta temporada de “Arcanjo Renegado” no Globoplay, celebra a trajetória com o grupo. “Fazer parte dessa história é uma honra imensa. Foi a partir dessa trajetória que outros caminhos se abriram — do cinema à TV”. Com participações em “Os Quatro da Candelária” e “(IN)Vulneráveis”, ele reconhece a importância do grupo. “A Cia. me deu base, ética e chão. O teatro é uma escola permanente. É

daqui que vem a força para chegar no set de filmagem com verdade”, comenta.

Nancy Calixto, no ar em “Vale Tudo”, é outra a celebrar o momento profissional. “Entrar nesse mundo das telas, telinhas e telonas tem sido uma experiência nova e incrível. Durante anos achamos que o audiovisual era uma realidade distante, e agora tudo está acontecendo de forma tão intensa”, destaca.

O diretor Vinícius Baião resume a proposta do espetáculo. “Mais do que resistir, a Cia. de Arte Popular mostra que envelhecer em cena é continuar em movimento”.

SERVIÇO

DE REPENTE 27

Teatro Léa Garcia (Centro Cultural dos Correios - Rua Visconde de Itaboraí, nº 20) Até 1/11, quintas e sextas (19h), sábados (17h e 19h) Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

CRÍTICA / RESTAURANTE / RANCHO PORTUGUÊS

No topo das casas portuguesas

Por Cleo Guimarães (Folhapress)

Não é fácil para um restaurante de cozinha portuguesa ser considerado o melhor do Rio de Janeiro. São muitas as influências do país na gastronomia da cidade, e várias as opções para uma refeição de qualidade. O Rancho Português está um degrau acima dos demais e consegue esse feito.

O Antiquarius (1977-2018) reinava soberano nessa seara e de lá veio boa parte da equipe que hoje trabalha na agradável casa à beira da Lagoa Rodrigo de Freitas. Talvez isso ajude a explicar o seu sucesso. Do chef ao gerente, passando pelo maître e pelo confeitiro, o Rancho herdou excelentes profissionais.

Eles servem uma entradinha que não está no menu, mas tem clientela cativa: os risoles de camarão (R\$ 58 a dúzia). A massa, fina e delicada, envolve um creme de sabor potente, feito com o crustáceo cozido por horas em seu próprio caldo. Vale a pena pedir (e torcer para que ainda tenha; a produção, diária, é limitada). Eles são pequenos e eu comeria uns trinta.

O Rancho cobra cifras que assustam à primeira vista. Só de bacalhau são 16 alternativas, contemplando as mais tradicionais. A mais baratinha custa R\$ 478. Puxado, mas pode valer a pena, já que serve quatro pessoas.

Acabei arrependida do meu pedido ao ver três enormes e douradas postas do pescado na mesa ao lado, servidas com cebolas,



Com funcionários herdados do saudoso Antiquarius, o Rancho Português se consolida como o melhor restaurante português da cidade. Só de bacalhau são 16 opções diferentes no menu

batatas assadas, brócolis e pimentão, na versão à lagareiro (R\$ 498). Cobicei, admito.

Minha escolha recaiu sobre lagostins grelhados com arroz de passas (R\$ 298). Estavam bons, mas não ótimos, ao contrário de tudo o que vi ao meu redor, aparentemente delicioso. Os pratos

executivos que eu havia provado em outra visita também estavam melhores do que os lagostins, pequenos e magrinhos.

O menu-executivo (R\$ 108), aliás, definitivamente não foi pensado para ser uma opção menos caprichada, com insumos

mais baratos. Trata-se de uma refeição que segue o mesmo padrão dos pratos mais caros (podendo até superá-los, como aconteceu), em porções menores.

Nele, há quatro entradas, que podem variar. Caldo verde, creme de batata-baroa, tigelinha de bacalhau espiritual ou dois bolinhos de bacalhau? Fui nos bolinhos, irretocáveis e com bastante salsinha. O bacalhau espiritual também não decepciona.

Boas mesmo estavam as lulas grelhadas; estufadas e macias no ponto certo. Elas vêm com arroz de brócolis, mas pedi para trocar pelo arroz malandrinho, caldoso, com tomates. O serviço da casa, muito gentil, te deixa à vontade para mudar as guarnições: “O que você preferir”. Coisa de quem sabe.

O arroz de pato, também no executivo, estava igualmente ótimo, o que já era esperado: quem já passou pelo Antiquarius sabe que eles fazem de um modo especial, mais molhadinho que o habitual, sem ser gorduroso. É a mesma receita, me garantiu o gerente quando liguei no dia seguinte para tirar dúvidas. O risole também é o mesmo. Touché.

Para fechar, deixei de lado rabanadas e barrigas de freira para provar o pudim do abade (R\$ 39), feito com leite condensado, especiarias, vinho do Porto, ovos e um pouco de bacon. Estranhei o bacon, mas fui encorajada pelo garçom a experimentar. É quase imperceptível seu sabor, ele só dá um toque salgado à sobremesa. Bela surpresa, que merece ser repetida.

SERVIÇO
RANCHO PORTUGUÊS
Rua Maria Quitéria, 136 - Ipanema
Diariamente, das 12h às 23h



Divulgação



Há eterna criança que habitará, sempre, em nós. Vivi em um Rio de Janeiro muito especial, em bairros que contaram a história da cidade e contribuíram, de forma significativa, cada um à sua maneira, para o enriquecimento cultural da Cidade Maravilhosa.

Da Abolição, passando pelo Caju, por Santa Teresa, pelo Flamengo e chegando à Ipanema, cada tem sua história deliciosa de infância, cheia de passagens memoráveis, traquinagens e peraltices dignas de quem viveu sua infância e, em alguns casos sobreviveu, às décadas de 1960 e 1970.

Foram anos de chumbo e, ao mesmo tempo, anos de renovação, de novidades de modismos ligados a marcas, não só de comportamento, mas, principalmente de consumo. A geração parecia, de certa forma, uma cópia xerox um do outro.

Eram as camisas Hang-tem com os dois pezinhos nas etiquetas, fabricadas na Califórnia. Eram as calças Lee americanas de botões e cintura baixa, compradas nas 'importadoras' da rua da Alfândega ou na boutique Lixo – uma espécie de brechó que vendia roupas usadas vindas dos EUA. Havia até uniformes da guerra do Vietnam. Era

Memória (a)efetiva

ao gosto de freguês; podiam vir com a 'boca de sino', aberta com panos, muitas vezes diferentes ou com a boca fechada que mal entrava o pé.

Os tênis variavam entre Bamba, Kichute que provocava um odor nada agradável nos pés, o All Star vindo da década de 50 ainda dava as caras de forma mais tímida e o Pampeiro, marca registrada da juventude bronzeada que batia ponto, com sua prancha 'fish' monoquilhas ou biquilhas, no Arpoador ou no Píer.

Outro acessório indispensável às meninas, eram os tamancos Dr. Scholl's. Pau para toda obra e momento da

praia às festinhas, que aliás, eram muitas. Feitas em casa com vitrolinhas, luzes apagadas, regadas a Coca-Cola ou os 'hi-fi' nos clubes comandados pelas equipes de som.

Nos bailes de 'black music', comandados pelo inesquecível Big Boy e a Furacão 2000, muito Barry White e James Brown. Todos montados em inesquecíveis sapatos bicolors 'Cavalo de Aço' comprados no Sousa. O meu era em verniz num mix de verde limão, preto e branco.

A turma Bicho Grilo, comprava suas roupas na Indian House de Copacabana. A geração surfista na Galeria River da Francisco Otaviano, quem era ligado em som e queria as novidades do top tem da Billboard, comprava na loja homônima ou em sua vizinha Modern Sound.

Líamos POP, ouvíamos Mundial 860, Tamoio e sua 'Passarela do Sucesso', comíamos no Bob's – salada de ovo com vaca preta ou os crepes do Gordon. Andávamos de bicicleta Monark ou Calói, de skate ou carrinho de rolimã-bilha numa cidade extremamente segura.

Fomos felizes, crescemos felizes, a felicidade mora em nós!